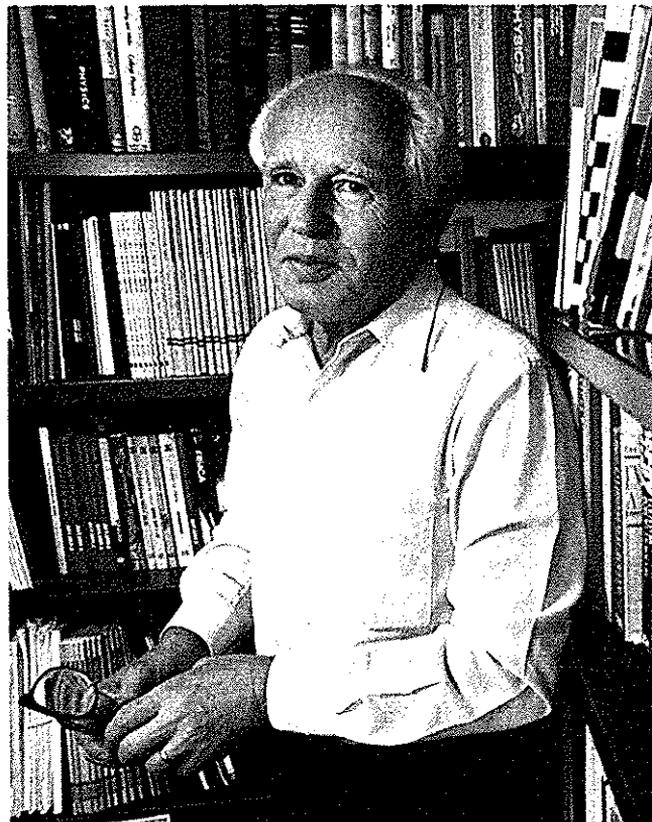


A indústria da miséria

Alimentadas com recursos externos, as ONGs proliferam no Brasil por conta dos problemas sociais e ambientais que prometem combater

POR CILENE PEREIRA E NUNZIO BRIGUGLIO

Há uma indústria no Brasil que não pára de crescer. Ao contrário dos outros setores da economia, que dependem da pujança e da riqueza para se desenvolver, essa se alimenta de pobreza e miséria. É a indústria das organizações não-governamentais, as conhecidas ONGs. Cálculos não oficiais dão conta de que existem no Brasil cerca de cinco mil entidades sem fins lucrativos, destinadas a uma vaga tarefa definida apenas como “defesa das causas sociais”. Só pelos cofres do Banco Central, no entanto, entram cerca de US\$ 400 milhões, todos os anos, destinados às ONGs brasileiras por entidades internacionais. “No momento em que há todo esse dinheiro investido nestas organizações, é para começar a se preocupar com a solidez do Estado”, analisa o professor José Goldemberg, 66 anos, ex-reitor da Universidade de São Paulo (USP) e um dos mais experientes acadêmicos do País. Ex-ministro da Educação e ex-secretário de Meio Ambiente do governo Collor, o professor sabe do que fala quando analisa o crescimento e a atuação das ONGs no Brasil. Além de lidar com essas entidades durante sua experiência no governo federal, ele também comandou, de 1979 a 1981, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, uma ONG combativa, que enfrentou os governos militares nas questões relacionadas à ciência e à tecnologia. “Era mais difícil para eles prenderem cientistas do que prender operários”, lembra. Ainda perplexo com a informação de que existiria uma ONG para cuidar de cada 16 menores abandonados, no Rio, ele falou a ISTOÉ sobre a fértil indústria que prolifera graças à miséria e à incapacidade dos governos.



Goldemberg: “Há estrelismo nessas organizações”

LUCIANA DE FRANCESCO

biente e os direitos humanos. Essas são áreas que ganharam grande visibilidade nos dias de hoje, mas a classe política e o próprio governo não sabem trabalhar nelas. Em consequência disso, começaram a surgir as ONGs. Há outro tipo de atividade que também deu grande força a essas organizações, que foi o debate nuclear. Esse é um exemplo típico. Aqui no Brasil mesmo existe um caso que constitui um bom exemplo. Veja Angra dos Reis. Foram colocados reatores lá sem consulta a quem quer que seja. Aí a população começou a acordar para o fato de que havia um reator lá perto, começou a ler no jornal sobre um acidente em Chernobyl. Em seguida, apareceram as ONGs. Depois, a repressão política cuidou também de alimentá-las.

ISTOÉ – Por quê?

Goldemberg – Nas décadas de 60 e 70 tivemos um avanço muito grande dos regimes autoritários. E quem se opõe a regimes autoritários? A sociedade civil organiza-

da. E é muito fácil montar uma ONG. Eu posso sair agora, ir a um cartório de registro e formar uma organização para defender baleias ou o que eu quiser.

ISTOÉ – E o Brasil é um terreno fértil para a proliferação de ONGs?

Goldemberg – O Brasil é um bom exemplo da situação extrema a que chegou essa proliferação, como no caso das ONGs para os menores abandonados. Estou muito impressionado com a quantidade de organizações no Rio de Janeiro voltadas para resolver o problema dos meninos de rua. Há quase tantas organizações quanto meninos de rua. Um juiz carioca disse que, se cada uma delas adotasse duas ou três crianças, o problema diminuiria muito. Nesse sentido

ISTOÉ – Existe uma indústria de organizações não-governamentais no Brasil?

Goldemberg – Sim, como em todo o mundo. O que está acontecendo com as ONGs é um problema de caráter muito profundo, que tem sido objeto de estudos de analistas políticos e sociais. Os mecanismos usuais de representação têm se mostrado muito falhos. Na democracia representativa, se elegem os deputados, os senadores e os governadores, e eles dirigem o país. Mas esse sistema tem se mostrado muito insatisfatório, sobretudo na área ambiental.

ISTOÉ – E o que essas falhas têm a ver com o crescimento das ONGs?

Goldemberg – Há muita inexperiência sobre como lidar com áreas como o meio am-

é que as ONGs hoje são uma indústria, porque vivem de uma atividade, que, na verdade, deveriam combater. Pelo menos foram criadas para isso.

ISTOÉ – Quer dizer, se essas organizações tirarem os meninos das ruas, elas acabariam também?

Goldemberg – Acabaria a indústria. Eu estava nos Estados Unidos quando começaram a surgir números completamente disparatados sobre a população de crianças de rua no Rio. Diziam até que tinha 100 mil crianças morando na rua. Não sei o número exato de quantos são, mas é claro que não chega a esse total. Seria magnífico ver o que as ONGs que trabalham com essa população no Rio estão fazendo efetivamente. Cuidar das crianças que é bom, acredito que poucas cuidam.

ISTOÉ – Quais foram as distorções que levaram à formação dessa indústria?

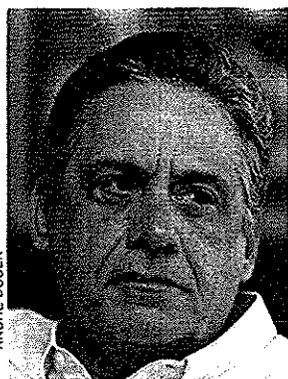
Goldemberg – Acho que chegou a esse nível por causa das organizações internacionais, que têm sido muito generosas com várias ONGs do Terceiro Mundo. E não sei como introduzir mecanismos de fiscalização nessa área. Mas não se pode entrar no detalhe. Corre-se o risco de interferir em organizações boas. Acho que aí depende de que as organizações do Exterior sejam boas. Por exemplo, o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, o Cebrap, onde o presidente eleito Fernando Henrique trabalhou, só foi estabelecido e sobreviveu nos tempos da ditadura com o dinheiro da Fundação Ford. Se o governo tivesse o controle desses recursos, nunca chegariam às mãos dos filiados. E a Fundação Ford, que é uma organização experiente, não daria dinheiro para pessoal com menos credenciais do que o Fernando Henrique, o José Arthur Giannotti e seus colegas. Acho que a única solução para o problema são o amadurecimento e a transparência.

ISTOÉ – O amadurecimento das ONGs e da sociedade?

Goldemberg – A maturidade da sociedade, também ajuda a consertar essa situação. Além disso, também é importante que o governo seja competente para resolver os problemas do País, porque a incompetência do governo alimenta essas coisas.

ISTOÉ – Cada sociedade, então, tem a ONG que merece?

Goldemberg – É isso aí. As ONGs americanas melhoraram muito por conta da própria sociedade dos Estados Unidos. Os governos, sobretudo o de Jimmy Carter, deram força à



ANDRÉ DUSEK

Fernando Henrique

O Cebrap, onde o presidente eleito trabalhou, só sobreviveu na ditadura com o dinheiro da Fundação Ford

EPA (Environmental Protection Agency), que é a agência ambiental americana, aliás bastante competente. Para competir com ela, as ONGs tiveram de apresentar um trabalho de qualidade. Na medida em que o governo se dedica a problemas de injustiça social, como menores de rua, com mais competência, o papel das organizações que não são de boa qualidade acaba esvaziado. Acho, por exemplo, que o Betinho e seu Programa de Combate à Fome esvaziou muito as explorações que pudessem ocorrer nessa área.

ISTOÉ – O sr. acha que o conceito de ONG no Brasil já está desgastado?

Goldemberg – Acho que está em processo de desgaste, exceto as tradicionais, que são muito poucas. Eu diria que há umas dez organizações, mais na área ambiental e talvez na área dos meninos de rua, que fazem bem o seu papel. O resto forma uma massa cinzenta, que representa mesmo muitas vaidades. Há um componente de estrelismo nessas organizações.

ISTOÉ – Há muita disputa de poder entre os integrantes das ONGs?

Goldemberg – Sim, muita. Há deputados que são verdes e as lutas entre eles são terríveis. Como são minorias, se esperaria que eles funcionassem como minorias unidas. Não é absolutamente o caso.

ISTOÉ – De 1979 a 1981, o sr. foi presidente da Sociedade Brasileira para o Pro-

gresso da Ciência (SBPC). Como foi sua experiência à frente de uma ONG?

Goldemberg – Os sócios da SBPC, cientistas e não-cientistas (porque não é uma sociedade só de cientistas), se juntam, cada um paga uma taxa, que é usada para manter a sociedade. O governo realmente não tem nada a ver com a organização. Essa autonomia foi muito importante durante o período autoritário, porque permitiu que tomássemos medidas para proteger os cientistas e a ciência sem de-

pendermos do governo e ainda criando embaraço para eles.

ISTOÉ – Por quê?

Goldemberg – Era muito difícil para o governo prender cientistas e intelectuais famosos. Era muito mais fácil prender operários e estudantes. Além disso, agimos com competência na questão da discussão nuclear. Acho que a maioria das pessoas concorda que a posição da SBPC era liderada por pessoas com mais competência do que as próprias pessoas do governo.

ISTOÉ – Mas o sr. enfrentou situações difíceis durante o comando da SBPC?

Goldemberg – Em uma das reuniões da sociedade que eu presidi, apareceu uma associação de prostitutas que queria uma sala para discutir seus problemas. Deu um bate-boca tremendo. Eu disse que até arrumaria uma sala para um grupo de sociólogos, antropólogos ou cientistas sociais que quisessem discutir o problema da prostituição. Mas não cederia uma sala às praticantes. Elas ficaram danadas comigo.

ISTOÉ – O sr. também enfrentou a briga pelo poder?

Goldemberg – Durante o governo do ex-presidente Ernesto Geisel, o governo tentou proibir as reuniões da SBPC, que tinha se saído brilhantemente nos embates com o governo na área nuclear. O governo tentou proibir, mas não conseguiu. A SBPC transferiu a sede, mas as reuniões continuaram.

Aí, muitos grupos de não-cientistas viram a oportunidade de usar a SBPC para suas finalidades.

ISTOÉ – De que forma?

Goldemberg – Quando eu era presidente, tentaram passar várias moções reclamando contra a ação do governo em relação a posseiros que tomaram terras em Pernambuco e coisas desse tipo. Eu fui contra. Achava que esse tipo de atitude descaracterizaria os objetivos da SBPC.

A deputada foi cassada porque usava recursos do governo em uma fundação que tinha o nome da mãe dela



RICHARDO STUCKERT

Raquel Cândido

ISTOÉ – O sr. era secretário de Meio Ambiente durante a Rio 92. Como foi sua relação com as ONGs e o Fórum Global?

Goldemberg – Era curioso porque dentro do governo havia pessoas que eram favoráveis a tratá-las não só a pão e água, mas a ferro e fogo. Eles usavam os argumentos que eu citei antes: qual é a legitimidade delas? Não é a legitimidade por eleição, é apenas a legitimidade de estar certo.

ISTOÉ – Que critérios o sr. usava para dividir as verbas destinadas às entidades não-governamentais durante o encontro?

Goldemberg – Havia uma verba de US\$ 20 milhões do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) destinada a medidas de proteção ao meio ambiente na Amazônia. As ONGs tinham representantes, mas eles faziam política de maneira terrível, queriam exercer poder. Não era tanto salvar árvores, mas exercer o poder. Acho que durante o encontro deu para ver bem como é o microcosmo das ONGs. A conferência era sobre desenvolvimento e meio ambiente, mas a quantidade de organizações periféricas reunidas no Fórum Global era absolutamente inacreditável. Eram homossexuais, índios etc.

ISTOÉ – E como o sr. separou as entidades sérias?

Goldemberg – Pelo feeling e pela transparência. Acho que a única maneira de enfrentar o problema das boas e das ruins é a transparência.

ISTOÉ – O sr. defende o controle das ONGs?

Goldemberg – Acho que a idéia de que o governo deveria controlar as ONGs é a antítese da criação delas. O governo deve cuidar de fiscalizar os recursos que ele repassa e que pertencem ao contribuinte. São recursos do Ministério do Bem-Estar Social para creches, associações de assistência etc. e as verbas do Ministério da Educação. Vejam o caso da Raquel Cândido, que era uma deputada de Rondônia e foi cassada porque lutava tremendamente por recursos de vários Ministérios, inclusive o da Educação, para uma fundação que tinha o nome da mãe dela, Eva Cândido. Ao que tudo indica, esse dinheiro era usado para outros fins. Deve haver muitos casos como esse.

ISTOÉ – As ONGs podem servir também como instrumento de grupos econômicos interessados em determinado benefício?

Goldemberg – Isso acontece no mundo inteiro. Há um problema sério atual, que é o problema de papel e celulose. A indústria de papel e celulose brasileira é muito próspera por razões geográficas, árvores crescem rapidamente aqui. A indústria é muito moderna e compete bem no mercado internacional. Há países que pretendem introduzir um selo verde através do qual as importações brasileiras seriam discriminadas porque não satisfazem as exigências ambientais estabelecidas na Suécia. Isso é altamente suspeito. A Suécia é

aprovados em Washington porque as ONGs se opõem.

ISTOÉ – E o que o sr. acha disso?

Goldemberg – Nisso eu sou bastante reacionário. Algumas dessas ONGs americanas que fazem pressão sobre o Banco Mundial são ONGs de países ricos, não têm sensibilidade para o que está ocorrendo aqui. Soube que há propostas de organizações americanas para uma moratória na construção de hidroelétricas, da mesma forma como há de fato na construção de usinas nucleares. Os Estados Unidos não constroem uma usina nuclear há mais de 15 anos. Vejam: se o Brasil parar de construir usinas hidroelétricas, o povo vai ficar no escuro. Nesse caso a atuação das ONGs é deletéria. Cessar o desenvolvimento de usinas hidroelétricas, que não são poluentes, é condenar países ou regiões ao subdesenvolvimento. É uma posição extremamente reacionária. A idéia de que todas as ONGs são politicamente corretas já era. Podem ter sido no passado.

ISTOÉ – Quer dizer que o sr. acha que as ONGs agora são conservadoras?

Goldemberg – Elas não se dão conta da enorme necessidade que nós temos de desenvolvimento.

ISTOÉ – Por que é tão difícil para elas conciliar preservação com desenvolvimento?

Goldemberg – Quando era secretário de Ciência e Tecnologia, fui procurado pelo Sindicato dos Seringueiros do Acre. Chegaram dizendo

que eu tinha uma reputação de pessoa progressista. Disseram que não queriam destruir a floresta e pretendiam promover o desenvolvimento sustentado. Queriam dinheiro da secretaria para fazer pesquisas que permitissem identificar espécies de frutas. Mas eles queriam que o governo construísse um depósito, comprasse máquinas para a industrialização dos produtos e também providenciasse o transporte para os grandes centros urbanos. Eu neguei. O máximo que poderia fazer era ajudar a identificar as espécies. Mas mudar o sistema produtivo, não. Falei para eles procurarem um sócio. Eles saíram de lá me acusando de capitalista e pensando que eu era muito mais reacionário do que eles imaginavam. ■



A Rio 92 reuniu também dezenas de organizações periféricas

“As ONGs no Fórum Global faziam política de uma forma terrível, queriam exercer o poder. Não era tanto para salvar árvores”

justamente um país competidor. Esse é um caso que parece misturar outros interesses com interesses ambientais.

ISTOÉ – O que o sr. acha de organismos internacionais, como o Banco Mundial, que condicionam a liberação de verbas ao País, se o projeto for tocado em conjunto com uma ONG?

Goldemberg – É um problema de política interna americana. Tanto o BID como o Banco Mundial recebem cerca de 25% dos seus recursos do governo americano, mas o Congresso tem de aprovar e é muito sensível às ONGs daquele país. Por isso, eles introduziram toda espécie de condicionalidade. Às vezes, projetos não são